

NOTAS, NOTÍCIAS E RECENSÕES

Terceira edição de um clássico sobre riscos

Fernando Rebelo

Da autoria de Keith Smith, Professor Emérito da Universidade de Stirling (Reino Unido), o livro *Environmental Hazards. Assessing Risk and Reducing Disaster* veio a lume pela primeira vez em 1991, teve uma segunda edição em 1996 e acaba de ser editado pela terceira vez (London and New York, Routledge, 2001, 392 p.).

Começava já a ser tempo de nos debruçarmos sobre este clássico, pelo que não podíamos deixar passar esta oportunidade para o apresentarmos aos leitores que ainda o não conhecem.

Antes de mais, falemos do título. Sabe-se que o Autor distingue *hazard* de *risk*, embora reconheça que alguns cientistas, todavia, não fazem essa distinção – “*risk* é por vezes tomado como sinónimo de *hazard*” (p. 6). Efectivamente, em bom português, por exemplo, não há lugar para distinção entre essas duas noções; *hazard* tem sido traduzido por perigosidade, o que não se nos afigura correcto (F. REBELO, 1999 e 2001), até pensando na própria definição de K. SMITH – “processo ou acontecimento ocorrendo naturalmente ou induzido pelo homem com potencial de criar perdas, isto é, uma fonte geral de futuro perigo”. Perigosidade é uma qualidade (a qualidade de ser perigoso), não é um processo, nem um acontecimento. Outra hipótese de tradução será casualidade, mas trata-se também de uma qualidade (a qualidade de ser casual); no português corrente, todavia, casualidade significa muitas vezes acontecimento ocasional – há, por isso, engenheiros que utilizam a palavra casualidade como tradução para *hazard*. No entanto, se o próprio K. SMITH diz que o *hazard* tem o “potencial de criar perdas” porque não o havemos de traduzir por risco, atendendo a que não é fácil encontrar uma outra palavra?

Dir-se-á que o *hazard* é anterior à consideração da vulnerabilidade, mas se virmos bem, ao pensar-se em perdas já temos o homem presente, directa ou indirectamente.

Toda esta problemática se relaciona com o título do livro, que, em português, poderia perfeitamente ser “Riscos Ambientais”, até porque a alternativa, “Perigosidades ambientais” ou, um pouco melhor, “Casualidades Ambientais” não soaria bem aos nossos ouvidos e, de certo modo, até agrediria a nossa inteligência.

Torna-se, porém, necessário analisar o conteúdo do livro para ver se a dimensão dada ao título com a palavra ambiental corresponde à realidade. É claro

que se pretende ir além dos riscos (ditos) naturais, pois se reserva um capítulo aos riscos tecnológicos; como a noção de ambiente é muito complexa, integrando o solo, o ar e a água, como já há trinta anos ensinava P. GEORGE (1971), os riscos tecnológicos são fundamentais no contexto ambiental. Deste modo, K. SMITH está correcto. Não estará correcto quem utilize a mesma expressão (“riscos ambientais”) para se referir apenas a riscos naturais ou a uma só categoria destes, como são os riscos geomorfológicos.

K. SMITH dividiu o seu livro em duas partes – “a natureza do *hazard*” e a “experiência e redução do *hazard*”. Na primeira parte, os capítulos são cinco – “*hazard* no ambiente”, “dimensões do desastre”, “assessoria do *risk* e gestão do desastre”, “ajustamento ao *hazard*: aceitando e partilhando a perda” e “ajustamento ao *hazard*: reduzindo a perda”. É uma sequência de capítulos por vezes um tanto filosóficos, sempre teóricos, embora com alguns quadros e algumas fotografias chamando a atenção para a crua realidade das consequências das crises.

A segunda parte é fundamentalmente prática, com muitos exemplos, bem ilustrados, sem, todavia deixar de aprofundar algumas explicações teóricas necessárias para a compreensão de mecanismos tanto no respeitante à geodinâmica interna como à geodinâmica externa. Aí estão os terremotos, os vulcões, os movimentos em massa, as grandes tempestades, os *hazards* biofísicos (onde inclui os incêndios florestais), as inundações, as secas e os *hazards* tecnológicos.

As conclusões vêm depois e, curiosamente, é no seu contexto que fala em mudanças ambientais e na subida do nível do mar, tal como fala em novos *hazards* e na necessidade de uma cultura de prevenção.

Environmental hazards. Assessing Risk and Reducing Disaster é um clássico da literatura de riscos em língua inglesa, ao mesmo tempo que se tem de considerar indubitavelmente um grande livro, com muita informação e bem estruturado.

Referências bibliográficas

GEORGE, Pierre (1971) – *L'environnement*. Paris, P.U.F., Coll. “Que sais-je?”, n° 1450, 128 p.

REBELO, Fernando (1999) – “A teoria do risco analisada sob uma perspectiva geográfica”. *Cadernos de Geografia*, 18, p. 3-13.

REBELO, Fernando (2001) – *Riscos Naturais e Acção Antrópica*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 274 p.